

**PASSOS, FÁBIO A. *O CONCEITO DE MUNDO EM HANNAH ARENDT*:
PARA UMA NOVA FILOSOFIA POLÍTICA. – 2. ED. REV. E AMPL. – RIO DE
JANEIRO : LUMEN JURIS, 2020. 280 P.**

Ângelo Rafael Da Silva Pereira¹

Fábio Abreu dos Passos é doutor em Filosofia Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Política, atuando principalmente nos temas relacionados à Filosofia Política Contemporânea, a partir dos seguintes autores: Hannah Arendt, Michel Foucault e Giorgio Agamben. É autor também da obra *A Faculdade do Pensamento em Hannah Arendt*:: implicações políticas e da organização conjunta das obras *Hannah Arendt: pensamento, revolução e poder* e *A gramática da ação e a sintaxe do poder em Hannah Arendt*.

Em "*O Conceito de Mundo em Hannah Arendt: Para uma nova filosofia política*", Fábio A. Passos apresenta o resultado de uma pesquisa iniciada quando ele começou seu mestrado e foi lapidada no transcurso do seu doutorado. Ao longo dos quatro capítulos em que a obra está dividida encontra-se uma profunda discussão de vários aspectos da obra de Arendt e, especialmente, do conceito que constitui o título do livro em questão. Nesse sentido, Passos declara que seu intuito é demonstrar que o conceito de mundo deve ser visto como uma possibilidade de se rever a relação entre filosofia e política, a qual foi cindida, segundo Arendt, desde a condenação de Sócrates.

Na busca de seu objetivo, o autor percorre os caminhos que, em sua perspectiva, elucidam os eventos que proporcionaram a abertura do abismo que separou a política da filosofia e como esse abismo pode ser superado ao se compreender que a vida humana sempre deve ser entendida pelo prisma da pluralidade, a partir do conceito de mundo. Outro fato que Passos se propõe a demonstrar é que o conceito de mundo perpassa as obras de Arendt, constituindo um pano de fundo sem o qual as reflexões dessa autora não podem ser compreendidas em sua inteireza. Para refletir sobre o conceito de mundo arendtiano, ele aborda as análises fenomenológicas de Husserl e Heidegger. Estes, segundo Passos, foram mestres com os quais Arendt manteve contato ao longo de sua vida. O cotejamento entre os pensamentos de Husserl, Heidegger e Arendt perpassa as reflexões apresentadas na obra em questão (cf. p. 2). Com este livro o autor procura abrir um campo analítico que, em seu entendimento, é pouco explorado e, por isso, faz com que a compreensão do pensamento de Arendt fique comprometida.

As primeiras páginas do primeiro capítulo são usadas por Fábio Passos para a discussão da relação de Arendt com os gregos da antiguidade. Nesse sentido é declarado por ele que a volta à Antiguidade grega tem a sua razão de ser no interior das obras arendtianas. O mesmo sustenta que para se pensar o movimento de retorno aos gregos que Arendt realiza, é preciso compreender as bases de seu pensamento. Segundo o autor, o fundamento, ou seja, o nascedouro das reflexões arendtianas acerca da filosofia, da política e do mundo, construiu-se a partir dos fenômenos oriundos da Segunda Guerra Mundial, os quais, no entendimento de Arendt, trouxeram à tona um acontecimento político sem precedentes na história da humanidade. Assim sendo, pode-se dizer que, para se pensar a crise da política na Modernidade, Arendt recorre ao passado, com o intuito de iluminar o presente: esclarecendo os fatos atuais e apontando para novos caminhos que podem ser trilhados, tendo como norte as experiências políticas antigas (cf. p. 10).

¹ Graduando do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Piauí

Ainda no mesmo capítulo, o primeiro, Passos discute um fato que ocupa posição de destaque na filosofia política arendtiana. Nesse sentido ele declara que a condenação de Sócrates e a consequente ruptura entre filosofia e política são questões de suma importância para que possamos compreender as espessas trevas dos “tempos sombrios” que turvaram e mitigaram a possibilidade de ativação da faculdade do pensamento, principalmente no que diz respeito à busca pela significação do que vem a ser a política e qual é o seu ponto central, o qual, segundo Arendt, é cuidar do mundo. Nesse ponto, o que o autor intenta fazer é apontar para o fato de que, se é uma necessidade de sua obra compreender a relação entre filosofia e política para, por conseguinte, apreender como essa relação pode ser repensada a partir do prisma do conceito de mundo em Hannah Arendt, é preciso levar em conta que essa relação, segundo a referida autora, foi perdida desde que Atenas condenou Sócrates à morte (cf. p. 18).

Ao fato supracitado estão relacionados os outros dois tópicos do capítulo, a saber: a singularidade humana na filosofia e a pluralidade humana da política. Sobre estes Fábio Passos declara que a consequência mais notória da condenação de Sócrates é o fomento de duas visões concorrentes acerca da compreensão dos homens. Ou seja, desde a condenação de um tipo específico de discurso filosófico, o qual atribuía igual grau de importância tanto à atividade do pensamento quanto ao embate de opiniões diversas no espaço público, houve o fim do intercruzamento de perspectivas que ora visava os homens como seres singulares e filosóficos, ora como seres plurais e políticos. Assim, houve a inauguração de uma compreensão bifurcada, que passará a enxergar os homens em perspectivas estanques: ou como ser singular ou como ser plural. Juntamente com a condenação de Sócrates, condena-se o homem a ter, sobre si, uma visada bipolar, a qual impede ao homem ser um ente pertencente às duas esferas de atividades: a filosófica e a política (cf. p. 40). No entendimento do autor é possível lançar mão de uma compreensão filosófica da pluralidade humana na política. Para isto, ele propõe que devemos ver, a partir das reflexões arendtianas, como se dá a estruturação da condição humana da pluralidade, antes mesmo que essa adentre a cena pública e se realize plenamente. Aqui Passos lembra que Hannah Arendt, repetidamente, assevera que a pluralidade é a lei da Terra e, nesse sentido, não o homem, mas os homens é que vivem na Terra e habitam o mundo (cf. p. 56).

No segundo capítulo, em função do objetivo ao qual a obra se propõe alcançar, é apontada pelo autor a necessidade de refletir sobre o espaço do político na Modernidade, pois, para Arendt, o ponto central da política é cuidar do mundo e não dos homens. Para o propósito de Passos, compreender o “que” e “como” os homens estão fazendo o que fazem – condenando à ruína tudo o que tocam, destruindo tudo o que possui algum tipo de durabilidade em um mundo comum, fazendo com que tudo se transforme em objeto de consumo – é de suma importância (cf. p. 67). As reflexões apresentadas pelo autor, neste segundo capítulo, estão intimamente relacionadas com uma crucial característica do método de análise arendtiano.

Nesse sentido, Fábio Passos declara que para compreendermos os elementos constitutivos de um determinado conceito em Arendt, necessitamos compreender, antes de mais nada, os riscos do esfacelamento dos elementos constitutivos desse mesmo conceito. Segundo essa perspectiva, para entendermos o significado da política, devemos mergulhar na tentativa totalitária de eliminar a possibilidade de se fazer política; para analisarmos o que é o espaço público, precisamos lançar luz no esfacelamento dos espaços públicos na Modernidade; para nuançarmos uma compreensão do que é liberdade, precisamos visar o que é a ausência de liberdade, e, para compreendermos o que é o mundo no interior da obra arendtiana, precisamos lançar luz sobre o esfacelamento do mundo na Era Moderna e o descaso em se cuidar dele (cf. p. 68).

No tópico do capítulo dois, no qual o autor discute o distanciamento do mundo, ele afirma que com a vitória do animal laborans e sua incapacidade de cuidar do mundo, uma vez que sua primordial preocupação é com a manutenção da sua vida biológica, o homem viu-se diante da nulidade de agir em conformidade com qualquer tipo de atividade que tivesse como meta preservar o mundo ou pensar acerca de tal preservação. Segundo Passos, essa

ausência de preocupação em cuidar do mundo está na razão de que “preservação” se constitui em algo sem significado para o animal laborans, pelo fato de que sua atividade necessita da não preservação, ou seja, do consumo de tudo que entra em contato com sua atividade (cf. p. 71). O conceito fenomenológico de mundo é outro objeto destacado no segundo capítulo do livro.

Em relação a tal objeto filosófico Passos afirma que os elementos que possibilitaram a cunhagem do conceito de mundo pela fenomenologia aparecem como uma “resposta filosófica” às querelas modernas que fizeram do homem um ser estranho e alheio à realidade e ao mundo circundante. As análises do autor sobre este conceito é circunscrita às análises empreendidas por Heidegger e Husserl. Ele aponta a necessidade de esclarecer a distinção entre Terra e mundo no interior da obra desses pensadores. Com essa abordagem, ele busca elementos para compreendermos que o mundo, em Arendt, não se constitui como algo natural, mas como um artifício criado pelos homens (cf. p. 81). É com as influências do conceito fenomenológico de mundo no pensamento arendtiano que Passos se ocupa no último tópico do segundo capítulo. De acordo com o autor, no intuito de se compreender as influências que a fenomenologia teve sobre as reflexões arendtianas, deve-se lançar luz sobre como o mundo aparece aos olhos de Hannah Arendt. Para esta autora, o mundo deve ser compreendido como a obra de nossas mãos, ou seja, como um produto erigido a partir da atividade do homo faber, cuja infinidade de objetos produzidos, em seu conjunto, constituem-no. Esses objetos têm, como característica predominante, o fato de que são criados para serem usados e, nesse sentido, o uso adequado deles não necessariamente causa seu desaparecimento, ao contrário dos bens de consumo, que são produzidos para desaparecerem ao serem consumidos. Ainda nessa linha de abordagem Passos afirma que esses objetos duráveis dão ao mundo sua característica essencial, ou seja, o fato de ser um abrigo imortal para o homem: uma criatura mortal e instável (cf. p. 98).

O desinteresse e a reconciliação com o Mundo são objetos da discussão do autor no terceiro capítulo da obra. Ele aponta para a necessidade de o homem compreender o mundo como um “objeto” edificado por mãos humanas, que tem como objetivo separar e unir os homens em torno de si, tal como uma mesa faz com os convidados que se assentam ao seu redor (cf. p. 115). Neste capítulo, Fábio Passos se propõe a realizar um giro analítico procurando, em sua primeira rotação, demonstrar que o totalitarismo se caracteriza como o ponto culminante do desinteresse para com o mundo, na medida em que essa forma de regime político procurou “destruir os mundos”, ao colocar em marcha uma busca desenfreada em destruir a pluralidade humana. E, segundo o mesmo autor, na segunda rotação, ele busca lançar luz no redirecionamento da perspectiva do homem em cuidar do mundo e preservá-lo, caracterizado pelo recente interesse filosófico pela política, o que levará ao desencadeamento de uma nova compreensão do mundo, que deve ser visado como lugar de estabilidade cultural e possibilitador da ação política (cf. p. 124).

No segundo tópico do terceiro capítulo, encontra-se a discussão sobre a contemporaneidade e o interesse pela filosofia política. Nesse sentido, Passos afirma que o interesse pela política na contemporaneidade aparece com o findar da Segunda Guerra Mundial e, fundamentalmente, com as experiências políticas dos regimes totalitários que, entre suas ações perturbadoras, procuraram, sobretudo nos campos de concentração, não apenas exterminar pessoas, mas eliminar a espontaneidade como expressão máxima da condição humana (cf. p. 159). Nos dois últimos tópicos do capítulo, o autor trata das aparências e da estabilidade. Sobre isto ele afirma que o interesse contemporâneo pela filosofia política levou à ressignificação do mundo e suas estruturas. É nesse sentido que pode-se dizer que o mundo passa a ser compreendido como lugar da manifestação das aparências, do que aparece e que, entre outras possibilidades, constrói cultura e estabilidade (cf. p. 161).

Passos inicia o último capítulo da obra em questão discutindo o abismo existente entre a filosofia e a política. O abismo que ele procura descrever como algo profundo, desconhecido, insondável, misterioso e que

possui uma enorme distância se configura como o fosso fomentado desde a condenação de Sócrates. Segundo o autor, este fato, no entendimento de Hannah Arendt, baniu o filósofo da cidade. Ao banir o filósofo da cidade, esse abismo provocou uma ruptura entre os que pensam e os que agem, ou seja, entre a filosofia e a política, dificultando a existência de uma filosofia política plena, que tivesse, na pauta dos assuntos do dia, uma reflexão sobre os afazeres humanos no espaço público e não procurasse determiná-los a partir de medidas exatas, que tivessem como objetivo moldar as ações humanas, as quais são caracterizadas como carros-chefes das políticas (cf. p. 186).

A relação entre mundo e política é o objeto de análise no primeiro tópico do quarto capítulo. A referência ao mundo enquanto lugar da política, a partir da assertiva arendtiana de que o mundo é o lugar adequado para ação e para a palavra, tem, em seu entendimento, um duplo sentido. Em uma perspectiva, o mundo é o espaço que recebe em seu âmago uma pluralidade de homens, que devem caracterizar-se como iguais, que não são dominados e que não dominam, mas que regulamentam todos os assuntos públicos por meio da conversa mútua e do convencimento recíproco. Contudo, esse mesmo espaço que garante o relacionamento entre iguais pela palavra e ação só nasce e, assim, pode ser visto e conhecido como realmente é, ou seja, como algo comum a muitos, que separa e une os homens, se muitos falarem sobre ele e trocarem opiniões e perspectivas uns com os outros e uns contra os outros (cf. p. 190).

No segundo tópico o autor reflete acerca da pluralidade humana antecipada no dois-em-um socrático. Segundo Passos, a antecipação da pluralidade humana pela atividade de pensar que, assim, fomenta uma nova relação entre filosofia e política, é apreendida a partir da explicitação dos elementos constitutivos da faculdade do pensamento no interior das reflexões arendtianas (cf. p. 198). O binômio pensamento e ação é tratado no terceiro tópico deste último capítulo. Nesse sentido, de acordo com Fábio Passos, se o vaivém entre o mundo das aparências e a “Terra do puro intelecto” constitui a pedra de toque para se compreender a relação entre o pensamento e a ação, então devemos lançar luz sobre o efeito liberador produzido pelo pensamento, o qual irá se manifestar diretamente na ação de homens na esfera pública (cf. p. 211).

Finalizando, Passos discute o conceito de mundo arendtiano e a superação do hiato entre filosofia e política. Nesse sentido, ele declara que o mundo, que se constitui através do fato de o homem habitá-lo, caracteriza-se como sendo o espaço criado por mãos humanas, fomentado para estabilizar a vida dos homens, que deve sobreviver aos ciclos naturais, sendo-lhe uma barreira estável no seio da instabilidade, que é a marca característica do solo sobre o qual o mundo se erige, ou seja, a Terra. Segundo o autor, o mundo, na perspectiva arendtiana, não pode ser definido como a somatória dos objetos físicos, mas refere-se ao conjunto de criações humanas, tais como prédios, monumentos, leis, instituições, artes, os quais permitem que os homens estejam relacionados entre si, ao mesmo tempo em que funciona como uma espécie de delimitador para que suas vidas não venham a se aniquilar mutuamente ao se chocarem umas contra as outras, fazendo com que percam sua identidade individualizante, tal como acontece nas sociedades de massa (cf. p. 227).

Passos é profundo e preciso em suas análises dos vários elementos da filosofia arendtiana ao buscar o seu objetivo de tratar do conceito de mundo em Arendt. Isto, por um lado, faz com que sua obra seja uma boa fonte secundária, digna de compor qualquer bibliografia de trabalhos sobre a filosofia da autora supracitada. Por outro lado, a profundidade e a precisão da abordagem se constituem um obstáculo e um desafio para o leitor com pouca leitura de Hannah Arendt. Todavia, obstáculo e desafio, nem sempre são defeitos e no caso deste livro trata-se de um efeito colateral. Afinal, como foi dito anteriormente, a obra é o produto de reflexões ao longo de um mestrado e um doutorado.